

## O ESTIGMA DO FAVELADO: RESSIGNIFICANDO O CONCEITO DE FAVELA NAS DINÂMICAS URBANAS INTERNAS NA AREINHA (COMUNIDADE DO COQUE – RECIFE)

THE STIGMA OF A *FAVELADO* RESIGNING THE *FAVELA* CONCEPT IN THE INTERNAL URBAN DYNAMICS IN AREINHA, IN THE COMMUNITY OF COQUE

Amanda Martínez Elvir  
amarelv@gmail.com

### Resumo

O objetivo deste artigo é descrever o conceito interno de favela da comunidade do Coque sendo esta já estigmatizada pela cidade formal de Recife, Pernambuco, Brasil. O conceito interno de favela traz consigo uma carga simbólica que se representa em espacialidades e dinâmicas urbanas particulares que colocam pessoas, os favelados, dentro desta categoria espacial/simbólica. A perspectiva da cidade formal para as áreas de pobreza gera um conceito particular de favela já explorado em múltiplos estudos; porém, a categoria interna de favela tem sido pouco explorada. Desta forma pretendemos descrever a espacialidade e dinâmicas urbanas internas da Areinha, uma área dentro da comunidade do Coque, reconhecida em Recife como uma das favelas mais perigosos da cidade. Utilizaremos o discurso de moradores e moradoras desta comunidade para rever este conceito desde uma perspectiva interna.

**Palavras chave:** Estigma; Dinâmicas Urbanas; Favela; Segregação socioespacial.

### Abstract

The aim of this article is to describe the internal concept of *favela* in the community of Coque, which is already stigmatized by the formal city of Recife, Pernambuco, Brazil. The internal concept of *favela* carries with it a symbolic content that is represented in particular urban spatiality and dynamics that place people, the *favelados*, within this spatial-symbolic category. The formal city perspective for the poverty areas generates a particular concept of *favela* already explored in multiple studies; however, the internal category of *favela* has been little explored. In this way, we intend to describe Areinha 's inner urban spatiality and dynamics, an area within the Coque community, recognized in Recife as a dangerous slum. By using discourses of residents we intend to explore the internal concept of favela from an inside perspective of a poverty area.

**Keywords:** Stigma; Urban Dynamics; Favela; Socio-spatial segregation.

## Resumen

El objetivo de este artículo es describir el concepto interno de *favela* que se expresa en la ya estigmatizada comunidad de Coque en la ciudad de Recife, Pernambuco, Brasil. El concepto interno de favela tiene una carga simbólica representada en espacialidades y dinámicas urbanas particulares que colocan a personas, los favelados, dentro de esta categoría espacial/simbólica. La perspectiva de la ciudad formal para las áreas de pobreza genera un concepto particular de favela que ha sido explorado por inúmeros estudios; sin embargo, la perspectiva interna de favela ha sido poco explorada. De esta manera pretendemos describir la espacialidad y las dinámicas urbanas internas de *Areinha*, un área dentro de la comunidad de Coque que ya es reconocida en Recife como una de las favelas más peligrosas de la ciudad. Utilizaremos el discurso de habitantes de esta comunidad para (re)construir este concepto desde la perspectiva interna.

**Palabras clave:** Estigma; Dinámicas Urbanas; Favela; Segregación socio-espacial.

## Introdução

As abordagens sobre o caráter simbólico e social do mundo têm sido uma perspectiva própria das ciências sociais, desenvolvendo esta forma de pensar e compreender as sociedades desde tempos remotos. Pensadores contemporâneos tais como Jean-Paul Sartre (2006), Jaques Lacan (2001), Cornelius Castoriadis (2007), ou Alicia Lindón (2012), entre muitos outros autores e autoras têm integrado um grupo que trabalha com imaginários nas suas análises para compreender o papel destes fenômenos na vida das pessoas. Desta forma se abre, desde décadas passadas, o papel da subjetividade, a imaginação e o terreno do simbólico como parte da condição humana.

As disciplinas que trabalham com a produção do espaço têm tido menor desenvolvimento da perspectiva deste conceito na sua condição simbólica e imaterial, principalmente na compreensão do espaço no universo das ideias. A antropóloga mexicana Alicia Lindón explica, no caso da geografia, que pareceria que esta disciplina baseia suas abordagens sobre o espaço através da perspectiva filosófica de Sartre que denomina a existência como “coisa” (SARTRE 2006, in LINDON 2012). Para Lindon, na geografia o modo de ser como uma “coisa” tem levado a assimilar o espaço desde sua condição material, o que, por sua vez, tem pautado seu estudo a partir de sua concretude física.

Nos aproximando à leitura do espaço desde sua condição imaterial é que neste artigo nos permitimos desconstruir o conceito espacial de favela desde uma perspectiva interna em uma

comunidade de Recife (Pernambuco), estigmatizada como um dos bairros mais violentos da cidade. O conceito de favela desde uma perspectiva interna carrega espacialidades e dinâmicas urbanas específicas que reconfiguram outras formas de estigma, em uma comunidade que já se encontra estigmatizada desde a perspectiva da cidade formal para a cidade informal. A favela interna, aquela que se produz dentro da comunidade do Coque, traz consigo novas chaves de leituras para compreender a complexidade e heterogeneidade dos espaços de pobreza da cidade de Recife.

Utilizamos como metodologia a história oral, registrando relatos de moradores e moradoras da Areinha, nossa área de estudo dentro da comunidade do Coque. A reflexão sobre este local foi complementada com a forma em que pessoas que moram em outros locais do Coque visualizam este espaço. Este artigo foi construído com o intuito de reforçar a importância da participação de moradores e moradoras das áreas de pobreza no exercício de construir conhecimento e refletir sobre estes espaços.

Na primeira parte do artigo definimos favela desde uma perspectiva histórica no contexto brasileiro. Posteriormente descrevemos a comunidade do Coque e suas dinâmicas internas para concluir com uma breve reflexão sobre a Areinha, área dentro do Coque reconhecida nos discursos de algumas pessoas entrevistadas para este artigo, como “favela dentro da favela”.

### **Favela: contexto histórico**

Para o pesquisador Laércio Rodrigues é difícil precisar a gênese da favela, pois se trata de uma das expressões espaciais das desigualdades que marca a sociedade brasileira. Rodrigues (2017) aponta para um vazio na historiografia nacional onde inexistiu um consenso ao respeito do surgimento da favela evidenciando este tema como um campo marginal destinado aos estudos de habitação popular.

Na busca da origem da favela somos levados a retomar a virada do século XIX para o XX, quando as cidades brasileiras se vestiam de modernas e funcionais. Dentro desta historiografia, Rodrigues (2017) ressalta a existência de três versões para a origem da favela:

a) A primeira remete ao evento da demolição do Cortiço Cabeça de Porco, nas proximidades da Central do Brasil. Na noite em que esse cortiço fora destruído, em janeiro de 1893, o prefeito Barata

Ribeiro autorizou que os desabrigados tomassem para si alguns materiais de construção que poderiam ser reaproveitados. Depois disso, essas famílias, de posse desses destroços, se dirigiram ao Morro da Providência e nele levantaram seus barracões (ABREU, 2010; BRUM, 2012; VALLADARES, 2005; VAZ, 1994, RODRIGUES, 2017).

b) A segunda versão retoma ao fim da Revolta Armada, em 1893. Com o fim do motim, os combatentes envolvidos no conflito se instalaram no Morro de Santo Antônio, localizado no centro do Rio de Janeiro. Acredita-se que esta ocupação seria o marco inicial da favela (ABREU, 2010; BRUM, 2012; VALLADARES, 2005; VAZ, 1994, RODRIGUES, 2017).

c) A terceira versão, e a mais acolhida, retoma o episódio da Guerra de Canudos no interior da Bahia. Os soldados envolvidos no litígio, ao retornarem à Capital Federal, esperavam receber seus soldos. Em 1897, grande parte desses militares, com propósito de pressionar mais fortemente o governo, improvisaram suas moradias no Morro da Providência, que ficava próximo ao Ministério da Guerra. É possível que esses militares tenham encontrado similitudes entre o Morro da Providência e a paisagem interiorana da Bahia, fato que explicaria a alteração da nomenclatura “Morro da Providência” para “Favela”, que é uma vegetação típica do sertão baiano. (ABREU, 2010; BRUM, 2012; HAHNER, 1993; VALLADARES, 2005; VAZ, 1994, RODRIGUES, 2017).

A planta favela (*Cnidocolus quercifolius*), mais conhecida como faveleira, é abundante em ambientes com condições climáticas extremas e se destaca por sua grande capacidade de tolerância a seca e condições adversas. Esta espécie tende a se reproduzir rapidamente pois seus frutos atiram suas sementes em todas as direções (MAIA SILVA, et. al, 2012). As características particulares da planta poderiam oferecer uma chave de leitura para entender a escolha desta espécie para nomear ou criar uma comparação simbólica com a forma com a qual se reconhece a pobreza urbana brasileira.

Aos poucos, o termo favela passou a ser utilizado para denominar genericamente qualquer aglomerado de barracões, caracterizada por não possuir traçados de vias, nem dispor de serviços públicos cujos terrenos, públicos ou privados, eram ocupados irregularmente. Nota-se que a tônica em torno da “falta de” é a principal e a mais forte ideia/concepção de favela (VALLADARES, 2005; RODRIGUES, 2017).

## A comunidade do Coque em Recife

No ano 2010, no Brasil, havia 11,42 milhões de pessoas morando em favelas e territórios informais. A cidade do Recife está incluída dentre as cinco cidades brasileiras com maior concentração de favelas. Dos 3.676.067 habitantes da Região Metropolitana do Recife, 852.700 pessoas (23,2% da população total) moravam em domicílios ocupados por aglomerados subnormais (IBGE, 2010).

A comunidade do Coque, com 12.755, habitantes se localiza na área central da cidade do Recife (IBGE, 2010). Pela sua localização próxima ao centro da cidade e ao redor de uma dinâmica imobiliária marcada por um desenvolvimento urbano de elite, esta comunidade tem sido foco de disputas pelo território entre as autoridades estatais que visam criar projetos de desenvolvimento nesta área da cidade e os moradores e moradoras que lutam por permanecer.

De acordo com a pesquisa da Me. Rafaela Vasconcellos intitulada, *O político na Rede Coque Vive: diversidade, conflitos e confluências na construção da ação coletiva*, o Coque possui o quarto maior percentual da cidade referente à quantidade de pessoas que vivem com renda de até um salário mínimo (42,52%) e possui o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo da Região Metropolitana do Recife (Mapa do Fim da Fome II, 2004). O processo de ocupação do Coque, se constituindo posteriormente como favela, acontece há quase 100 anos sobre um antigo aterro de lixo existente no manguezal da ilha de Joana Bezerra (FREITAS, 2005), sendo que a maioria dos moradores do Coque foi constituída por negros e negras descendentes de escravos e famílias que migraram do Agreste, Sertão e da Zona da Mata do Estado dispostas a lutar contra “o lixo e a maré” para se estabelecerem na região (VALE NETO, 2007). O Coque é um exemplo do emblemático processo de favelização que ocorreu em distintas cidades brasileiras em consequência da distribuição desigual da propriedade da terra em áreas rurais e a opção pela monocultura, o que levou a uma migração massiva de pessoas para as áreas urbanas. Por ser Recife uma cidade cercada por rios, os imigrantes do campo iniciaram uma primeira batalha pelo território com a própria natureza tentando criar aterros em áreas cobertas por água, sendo o Coque um dos muitos exemplos desta situação.

Além das condições de pobreza urbana da comunidade, existe um imaginário coletivo na sociedade recifense que cataloga este bairro como um dos locais mais violentos da cidade. Esta leitura sobre quem mora no Coque tem sérias consequências sobre as questões sociais e urbanas. Como exemplo, têm-se o caso específico da mobilidade urbana, quando taxistas da RMR se recusam a entrar na comunidade em qualquer horário do dia. Como consequência, quem vive no Coque e precisa do serviço de transporte público e/ou privado, tem que se deslocar por até 1 km de distância, como o percurso mais longo, para chegar a uma parada de ônibus ou a uma avenida onde possa ter acesso a um transporte privado. Como relata Vasconcellos:

Sua população é tida como “gente violenta e perigosa”, em grande parte devido às próprias representações midiáticas que insistem em cristalizar a comunidade na ação ilícita de alguns grupos associados ao tráfico e/ou roubos acontecidos nas cercanias da Ilha de Joana Bezerra. Assim, o Coque se tornou um território de medo para a cidade, é visto como ameaça à segurança dos arredores (VASCONCELLOS 2013, p. 63).

Como consequência, através do estigma de ameaça e violência, os moradores de determinadas áreas do Coque vivem em constante perigo de remoção devido a projetos urbanos que visam “melhorar” a qualidade de vida das pessoas e as condições do espaço urbano dentro e fora da comunidade.

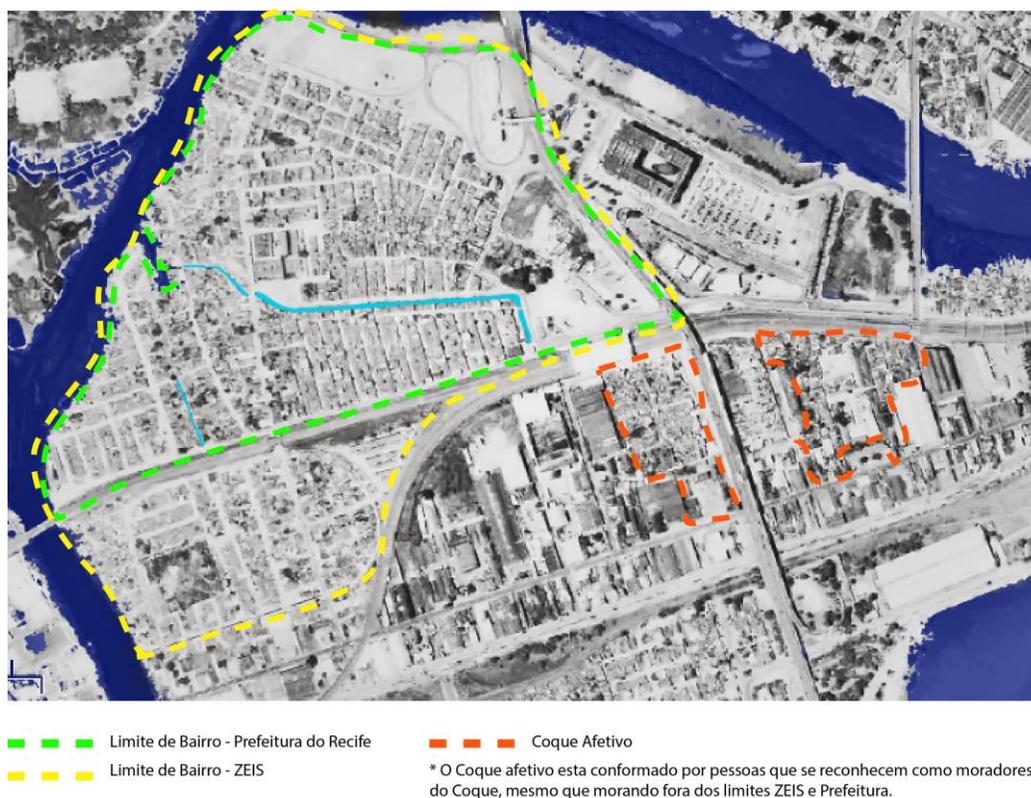
Apesar do Coque ser reconhecido como um lugar violento até hoje na cidade de Recife, não podemos ignorar seu passado de luta e as mobilizações sociais geradas, principalmente a partir da década de 1980. Esta comunidade foi uma das pioneiras na luta pelo direito ao território no país durante a ditadura militar do presidente João Baptista Figueiredo. De acordo com a geógrafa Regina Braga do Santos:

Entre 1977-81, houve em Recife sessenta ocupações (cerca de duas por mês), com o fortalecimento dos movimentos populares urbanos pela legalização da posse da terra. Varias associações de moradores foram criadas: Coque, Ilha do Janeiro, Mamanguape, Chie, Brasília Teimosa. (SANTOS *apud* VALE NETO, 2010, p. 108).

### **O Coque: uma leitura espacial**

A comunidade do Coque, como muitas outras comunidades situadas em áreas de altos índices de vulnerabilidade social do Recife, é espacialmente heterogênea, complexa, com dinâmicas urbanas particulares e hierarquias internas que tornam este espaço uma área diversa. As distintas formas espaciais criam modos de vida específicos. Estes modos de vida se relacionam à característica física do espaço e à sua localização na comunidade -em função da sua proximidade às principais áreas de serviços e transporte coletivo- criando, desta forma, uma leitura simbólica do lugar dentro de uma hierarquia interna. Para esta pesquisa, utilizamos, como estudo de caso, o perímetro da comunidade do Coque utilizado pela prefeitura de Recife (Figura 1).

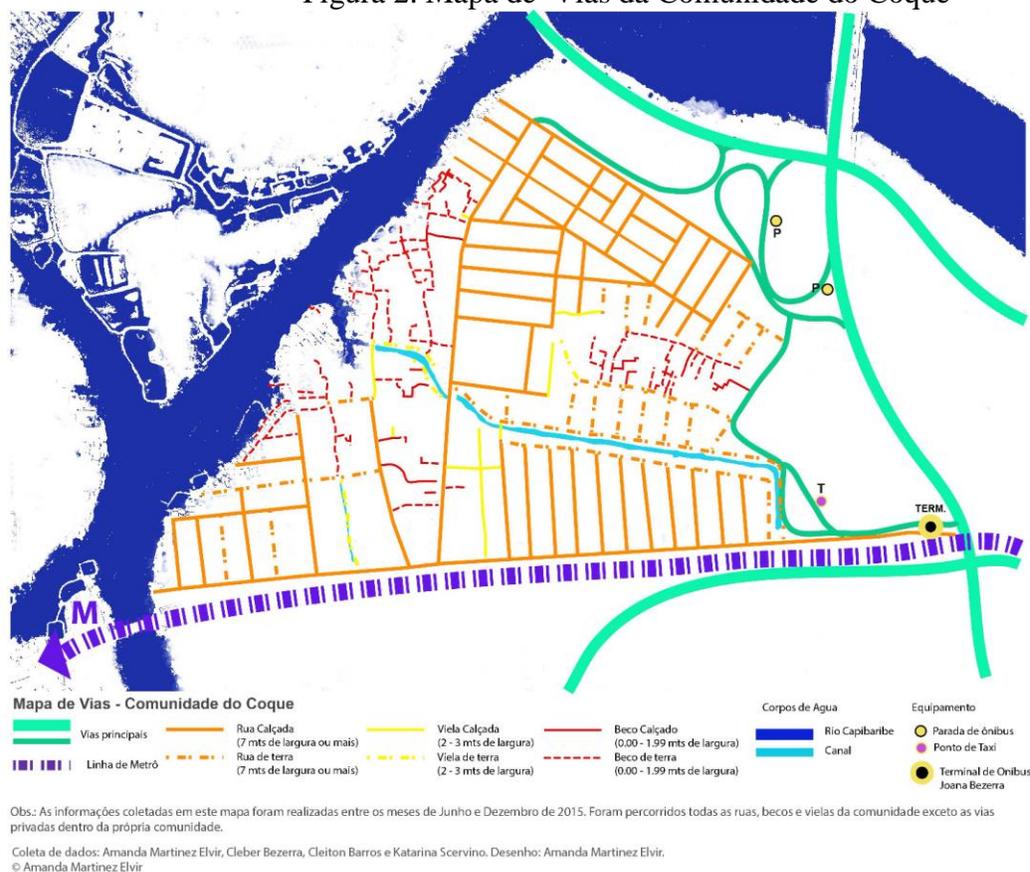
Figura 1. Limite da Comunidade do estabelecido pela Prefeitura do Município de Recife



Fonte: Amanda Martínez Elvir (2015)

Nas nossas primeiras visitas, conseguimos observar uma categorização do espaço em função da sua proximidade ao Terminal Integrado da Ilha de Joana Bezerra. Observamos que a precariedade de infraestrutura urbana diminui, significativamente, à medida que as moradias se localizam próximas ao terminal integrado. O grau de pobreza e precariedade urbana aumenta, relativamente, à medida que mais as moradias se aproximam da beira do Rio Capibaribe; porém, esta observação não pode ser vista como uma regra geral na comunidade (Figura 2).

Figura 2. Mapa de Vias da Comunidade do Coque



Fonte: Amanda Martínez Elvir (2015)

A partir do nosso trabalho de campo, conseguimos observar uma hierarquia espacial em função das estruturas de vias da comunidade e a sua localização com respeito à ilha Joana Bezerra. Geramos

a seguinte classificação do espaço, colocando as áreas com melhor infraestrutura no início da lista até chegar às áreas com infraestrutura mais precária. A hierarquia espacial consiste na leitura simbólica que se realiza na comunidade de determinados espaços e as atividades que se produzem dentro deles de acordo com a características das vias (Tabela 1).

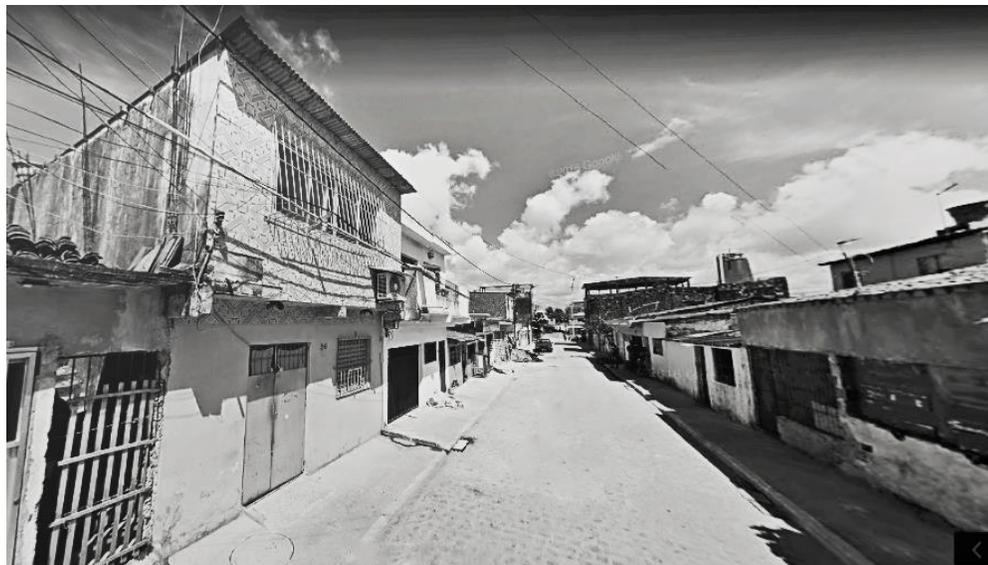
Tabela 1. Classificação de vias da Comunidade do Coque

<b>Tipologia de Via</b>	<b>Localização</b>
Rua Asfaltada (7 m de largura)	Próximo a Estação Joana Bezerra
Rua de terra (7 m de largura)	
Rua Asfaltada (7 m de largura)	Longe da Estação Joana Bezerra
Becos e Vuelas (1.50 - 0.75 m de largura) asfaltados, em precário estado de conservação ou com esgoto a céu aberto	A localização do beco não interfere na classificação hierárquica do espaço

Fonte: Amanda Martinez Elvir (2015)

Nos espaços de ruas asfaltadas, observamos a presença de casas de laje e algumas de até três andares. Estas ruas também contavam com presença de iluminação pública, porém a presença do poste não necessariamente indica que este esteja em funcionamento. Neste tipo de vias, também encontramos casas de um andar, algumas de tijolo e outras de alvenaria (Figura 3). Nas ruas de terra, a maioria das moradias eram de um andar, com um padrão construtivo menor daquelas das ruas asfaltadas. Estes espaços também contavam com iluminação pública. Os espaços mais escuros da comunidade estão nas áreas com alta predominância de becos e vielas.

Figura 3. Área de ruas pavimentadas na comunidade do Coque.



Fonte: Google Street View.

Na hierarquia espacial, de acordo com a característica de vias, encontramos as moradias que se localizam na beira do canal Ibiporã ou no Rio Capibaribe. As moradias localizadas na beira do canal Ibiporã estavam dentro de uma estrutura viária regular, entre uma rua de terra e o próprio canal. Nestes casos específicos, não é a característica da via que determina o valor simbólico do espaço, mas sim seu aspecto físico, quando se trata de uma palafita.

As vias com alta predominância de becos e vielas representam uma das maiores escalas de pobreza nesta hierarquia interna, independente da sua localização em relação ao Terminal Integrado Joana Bezerra. Estas áreas são as mais densamente povoadas da comunidade e concentram aglomerações de pessoas em um número reduzido de metros quadrados, tanto nas vias de acesso, quanto nas moradias. Visivelmente, estas são as áreas mais castigadas da comunidade do ponto de vista da precariedade do espaço urbano e de moradia.

### **Areinha: o conceito interno de favela**

Para Daniel Hiernaux e Alicia Lindon, as imagens têm formado uma parte fundamental entre a relação do ser humano com o mundo, com seu entorno e com seu meio. Os autores colocam que o

pensamento se constrói através de imagens e palavras. Na geografia humana, a imagem constitui uma expressão sintética da relação das pessoas com seu espaço (HIERNAUX e LINDON, 2012).

Figura 4. Beco da Areinha



Fonte: Amanda Martinez Elvir (2015).

O espaço, nesse sentido, foge da sua representação física, pois este também está construído a partir da sua percepção simbólica. O espaço também se constrói através de símbolos e significados que em alguma medida determinam o seu valor dentro de uma hierarquia. Para Maurice Godelier, a realidade não é apenas o material, mas também o imaterial que sempre acompanha o material (GODELIER, 1989).

Se o pensamento se constitui através de imagens e palavras, a semântica coloca que a palavra se produz na relação entre o pensamento e a linguagem que permitem uma construção de sentido

daquilo que tentamos descrever através do discurso. Neste sentido, a palavra *favela* adquiriu um novo significado quando esta foi reconhecida nas dinâmicas urbanas internas da comunidade do Coque.

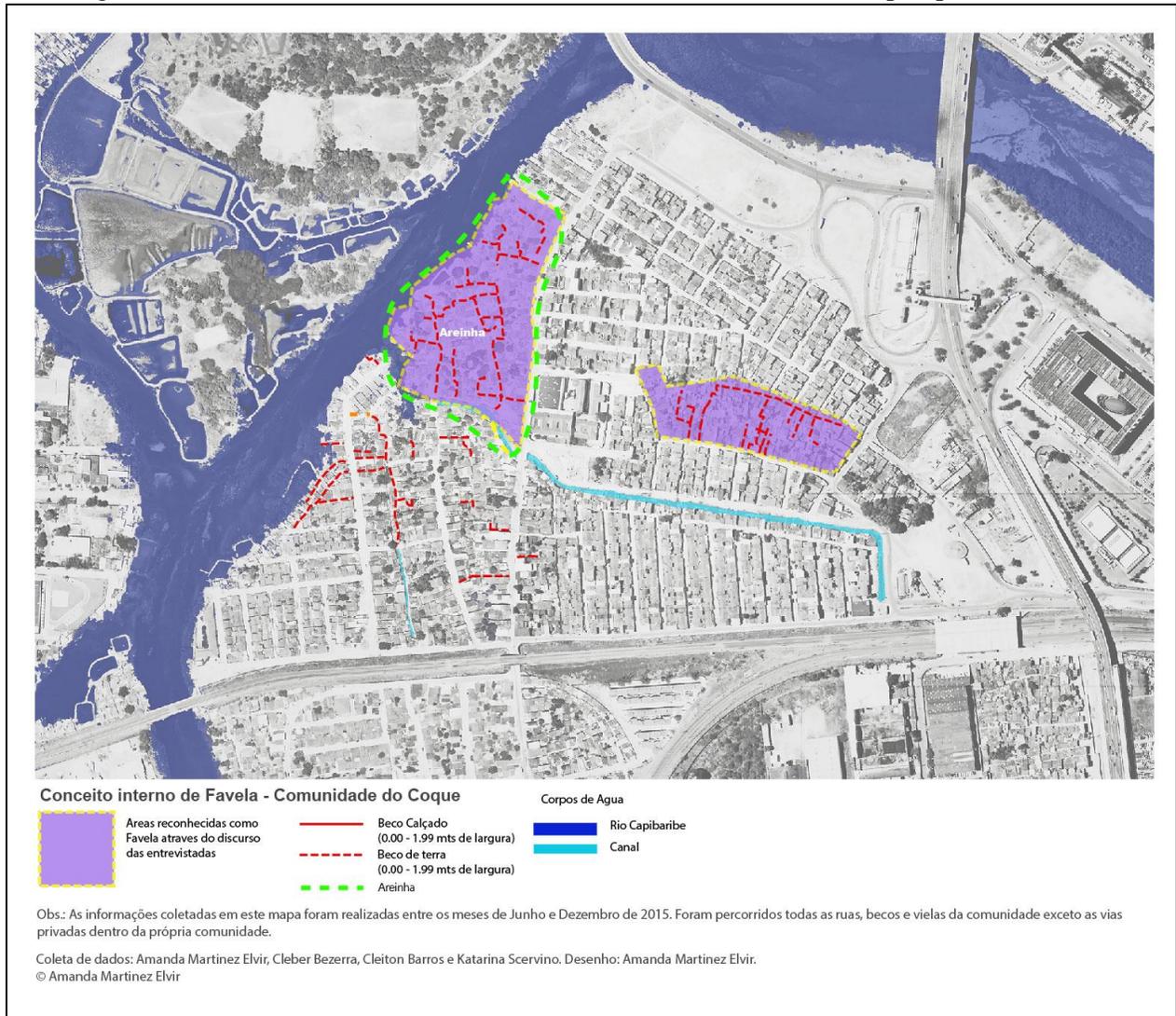
Através de entrevistas realizadas a pessoas de distintas partes desta comunidade, conseguimos confirmar a hierarquia espacial descrita anteriormente, representada no discurso. As áreas de becos e vielas foram reconhecidas, pelas entrevistadas das áreas com ruas asfaltadas e de terra, como as áreas com maior concentração de pobreza e, em alguma medida, como áreas perigosas. A palavra *favela* foi utilizada para descrever estas áreas, excluindo deste conceito as áreas urbanizadas da comunidade. A palavra *favela*, de fora para dentro, a partir da perspectiva da cidade formal para a informalidade, visualiza o Coque como espaço dentro desta categoria espacial. De fora para dentro, a perspectiva predominante é a classe social. Por sua vez, internamente, existe uma ressignificação desta palavra utilizada especificamente para as áreas de becos e vielas. Do mesmo modo que a conotação simbólica de fora para dentro, no sistema interno do bairro, *favela* traz consigo um simbolismo da informalidade, da precariedade, da pobreza e da vulnerabilidade. Uma entrevistada relata uma situação específica da comunidade do Coque denominando como *favela* uma parte concreta do bairro: “lá por dentro, na favela que fica entre ali, nas ruas em frente ao muro do AOB<sup>1</sup> e o NEIMFA (Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis), tem uma favela no meio, né? Ali, aconteceram muitas mortes”. Quando questionada sobre o significado de *favela*, ela respondeu o seguinte:

Eles estigmatizaram muito. Toda a comunidade é uma favela. Mas assim, pra mim, no fato de organização das casas e das ruas... assim, de ficar mutuada é onde eles se escondem (...) Não que não aconteça nas ruas calçadas, que são bem tranquilas, entres aspas, mas normalmente onde eles acham é onde tem essas casas mutuadas. É na areinha, nos becos (...) e na rua da Zoada que não ando muito por ai (Ana, moradora do Coque)

---

<sup>1</sup> OAB – Ordem dos Advogados do Brasil (Brazilian Lawyer Association)

Figura 5. Reconhecimento discursivo das áreas de favela desde uma perspectiva interna



Fonte: Amanda Martínez Elvir (2016).

A Areinha (Ver Figura 5, perímetro verde) uma das áreas com maior concentração de becos do Coque, é descrita por outra entrevistada da seguinte forma: “É como se fosse um labirinto. Eu me sinto meio no receio. Mesmo sendo do Coque, eu não deixo de ir, mas vou um pouco insegura. A iluminação que tem ali é das casas”. A palavra *favela* traz consigo uma imagem construída através de uma palavra que desenha um contexto histórico/social.

O que atualmente se reconhece como Areinha no passado era um banco de areia que era utilizado para construir moradias dentro da comunidade que estava se formando ao longo da metade do século passado. Também era reconhecido como depósito de lixo proveniente de hospitais e restaurantes. Na atualidade, Areinha tem uma alta predominância de becos e vielas que dificultam a mobilidade urbana de quem mora nesta área do Coque.

O deslocamento nas áreas de becos é distinto do que acontece nas ruas pois, como relata uma moradora: “No beco, passa só uma pessoa por vez”. Nesse sentido, nos horários de pico, existe um trânsito humano nestas áreas com maior densidade populacional da comunidade. Este trânsito de pessoas tem velocidades e distâncias específicas. Saindo de áreas localizadas em beiras de canais ou de becos, que chegam até uma largura de 75 cm, se produz outra forma de deslocamento.

A Areinha poderia ser enxergada como um outro bairro localizado dentro da comunidade do Coque. Além da predominância de becos, a tipologia das moradias se caracteriza na sua maioria por casas pequenas. Existe ausência de abastecimento de água por parte do Estado, uma rede de esgoto inexistente e sem iluminação pública que garanta trajetos internos com segurança. Esta característica espacial e as dinâmicas urbanas que acontecem nesta área a diferenciam do resto da comunidade, que dentro da precariedade geral, os deslocamentos se produzem em ruas com 7 metros de largura e com maior presença de iluminação pública.

Areinha, por ser beco, vielas e serem muito apertados, muito escuros, não tem iluminação pública, foi palco de muitas mortes. Houve tempos que tinha muitas mortes aqui na Areinha. Todo mundo fala que a Areinha tem muito sangue derramado, muito por isso. Muito assassinato, muitos ladrões famosos moravam na Areinha e isso de qualquer forma traz um estigma ruim. Começa por aí a história da Areinha. Eu acho que por isso as pessoas tem muito receio. Se você pegar algumas pessoas que moram no Coque e falar da Areinha vão dizer que: “eu nunca entrei na Areinha” por causa desse estigma ruim que ficou sabe? Dizem, eu não posso ir aí porque aí morreu muita gente, ou aí é a parte mais perigosa do Coque. Funciona como a parte excluída do Coque, como o gueto, o que é mais pesado. Eu nunca de fato recebi preconceito por morar aqui, mas a Areinha é um submundo do Coque, ela é muito marginalizada no próprio Coque. (Antonio<sup>2</sup>, Morador da Areinha).

---

<sup>2</sup> Nome Fictício

De forma geral, as pessoas entrevistadas se sentem confortáveis no contexto interno da comunidade, mas principalmente nas áreas onde são (re)conhecidas. Pessoas que vivem em áreas de becos não falam desse espaço com temor, pelo fato de terem se apropriado dele. No entanto, as que não vivem no beco e desconhecem sua dinâmica interna têm a tendência a temer o trânsito por esse espaço, embora ao mesmo tempo continuem estando no espaço coletivo do Coque, que as brinda com segurança. A partir de uma visão global do Coque como área de trânsito, **Susana**<sup>3</sup>, moradora da Areinha, comenta: “Medo eu não tenho, pode ter uma arma, pode ter dez, né? Ninguém se mete na frente de ninguém, mas aí a gente vem”. **Maria**<sup>4</sup>, também moradora da Areinha, mostra estar habituada com a área onde mora, mas reconhece as dificuldade de transitar por estes espaços:

É, a gente mora aqui... quando for pra venda, você tem que passar no beco... de volta também (...) qualquer coisa é beco. Entra em beco, sai em beco, muito beco, né? E de noite a gente fica, porque a gente já mora aqui, já esta acostumado e precisa, mas que seja bom não é, não. Às vezes, a gente precisa sair de noite, né? Uma farmácia, não sei o que, de noite, né? É escuro e a gente, às vezes, se encontra com alguma visita... que a gente não quer se encontrar. Aí o coração dá aquela lapada. Morar em favela é isso. É conviver com desprezo.

Internamente, a Areinha foi reconhecida como área de tráfico, devido ao traçado labiríntico das vias. O tráfico como atividade não é necessariamente observado como perigo e sim a presença da polícia e a violência exercida contra a comunidade em razão do tráfico. Por outro lado, numa perspectiva global, as pessoas entrevistadas se sentem mais seguras dentro da comunidade do que fora. Para **Vilma**: “Aqui ninguém mexe com a gente. Aqui a gente está, andando na hora que quer, ninguém mexe com ninguém, né? Graças a Deus. Tenho mais medo de andar lá fora que aqui no Coque”.

---

<sup>3</sup> Nome fictício

<sup>4</sup> Nome fictício

Figura 6. Casa na Areinha



Fonte: Amanda Martinez Elvir (2015)

De acordo com uma primeira aproximação para entender o contexto espacial e simbólico desta área da comunidade do Coque percebemos que o traçado urbano labiríntico de becos e vielas tem uma relação simbólica com uma compreensão destes lugares como espaços de perigo onde se evita frequentar ou habitar para quem é de fora. O estigma não necessariamente estaria localizado em um preconceito interno para com as pessoas que moram neste local, e sim com o fato de não frequentar esta área. Nos relatos coletados para este artigo se menciona que por conta do estigma interno em função da característica espacial da Areinha, os projetos sociais que chegam no Coque se concentram mais nas áreas com ruas de 7 metros de largura, não envolvendo as áreas com alta predominância de becos como a Areinha possivelmente pela relação deste espaço com morte, perigo e insegurança.

## Conclusões propositivas

Neste artigo exploramos o conceito interno de favela em uma comunidade de Recife (Pernambuco) a fim de medir os fatores particulares que geram segregação em função da característica do espaço visto desde um olhar de dentro para dentro em uma realidade de pobreza. Este conceito interno de favela traz consigo novas formas de refletir sobre a complexidade e a heterogeneidade da pobreza brasileira e latinoamericana chamando a atenção às particularidade que não podem ser vistas com olhares que universalizam realidades sociais gerando leituras parciais.

A visão que pretendemos discutir são os mecanismos de segregação que se produzem dentro da própria informalidade afim de aguçar o olhar na tentativa de compreender melhor o sistema simbólico espacial interno que se reconfigura a partir do olhar de quem vive dentro da precariedade. Este olhar não seria possível de se enxergar sem a presença e aprendizado com os próprios moradores e moradoras desta comunidade, que oferecem uma perspectiva complexa das dinâmicas internas do Coque que uma pessoa de fora não conseguiria ver. As primeiras leituras do estigma interno nesta comunidade se mostram a partir do habitar ou não um espaço em função das atividades que se produzem dentro dele, sem necessariamente discriminar uma pessoa pelo fato de morar neste local. Este primeiro exercício é um convite para compreender melhor as dinâmicas das áreas precárias em uma reflexão feita em conjunto com as pessoas que moram nestes bairros. Este mecanismo de reflexão em conjunto poderia abrir novas perspectivas de pesquisa e construção de conhecimento plurais e coletivas para a melhor compreensão da complexidade espacial das nossas cidades.

## Referências

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio. Jorge Zahar, 2010.

BRUM, Mário. **Cidade Alta: História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

CASTORIADIS, Cornelius. **La institución imaginaria de la sociedad**. Buenos Aires: Tusquets, Colección Ensayo, 2007.

ELVIR, Maria A Martinez. *Mulher e mobilidade urbana, uma perspectiva de classe: Retratos da mobilidade de mulheres da comunidade do Coque em Recife* / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, 2017.

FREITAS, Alexandre S. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana: um estudo sobre o papel das redes associacionistas da educação.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Recife, 2005.

Guia de plantas visitadas por abelhas na Caatinga / **Camila Maia-Silva ...[et. Al.]**. – 1. Ed. – Fortaleza, CE: Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.

GODELIER, Maurice. **Lo ideal y lo material: pensamiento, economias, sociedades.** Madrid: Taurus, 1989.

HAHNER, June E. **Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil – 1870/1920.** Brasília: Edunb, 1993.

HIERNAUX, Daniel e LINDON, Alicia. *Renovadas Intersecciones: La espacialidad y lo Imaginario.* In: **Geografias de lo imaginario.** Org. Alicia Lindon y Daniel Hiernaux. – Barcelona: Anthropos Editorial: México: Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2012.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Aglomerados Subnormais : primeiros resultados.  
LACAN, Jacques. **Escritos I.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2001.

LINDON, Alicia. *¿Geografias de lo imaginario o la dimensión imaginaria de las geografias del *Lebenswelt*?* In: **Geografias de lo imaginario.** Org. Alicia Lindon y Daniel Hiernaux. Barcelona: Anthropos Editorial. México: Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2012.

VALE NETO, João P. **Coque: a morada do vincula.** Trabalho de conclusão de curso (mimeo). Departamento de Comunicação Social da UFPE, Recife, 2007.

RODRIGUES, Laercio Gomes. *O estigma do Favelado: O caso do conjunto habitacional Mucajá na cidade de Macapá-AP* Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **La imaginación.** Barcelona: Edhasa, Col. Los libros de Sísifo Paidós, 2006.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VASCONCELLOS, Rafaela de Melo. **O político na rede Coque vive: diversidade, conflitos e confluências na construção da ação coletiva.** 145f. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE, Recife, 2013.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro. **Análise social.** vol. XXIX (127), 1994 (3º), p. 581-597.